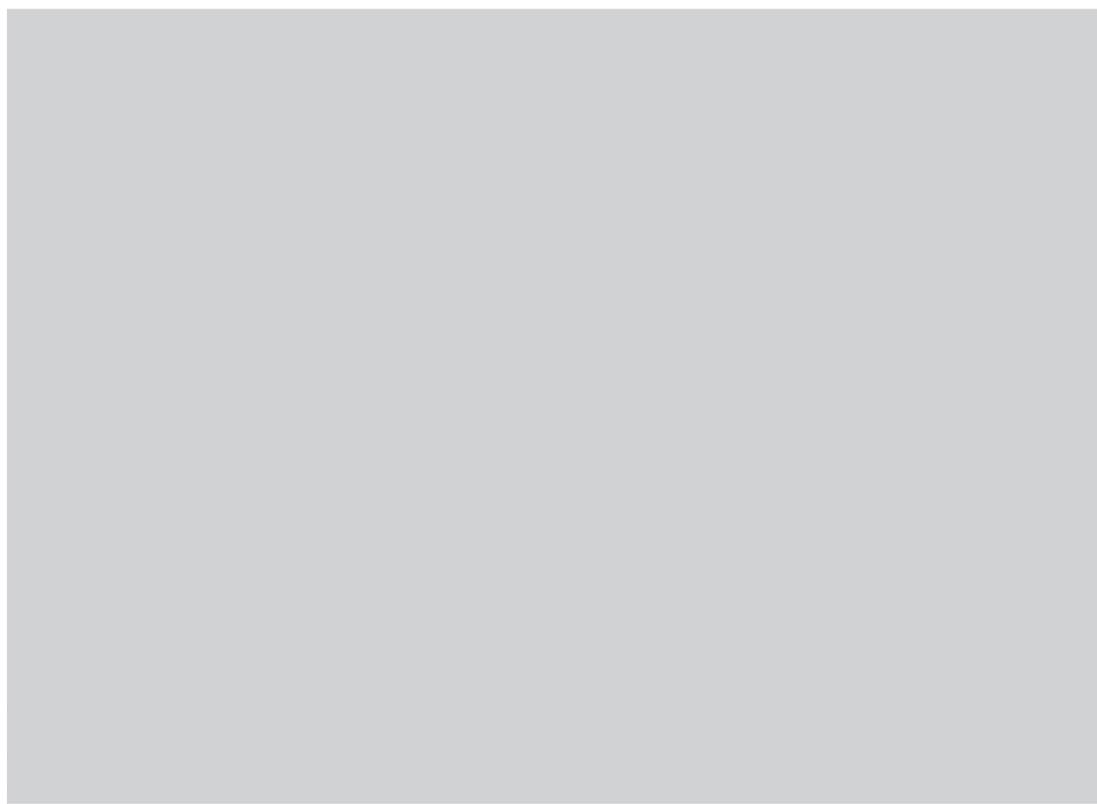


FERNANDO ANTÔNIO NOVAIS
MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA

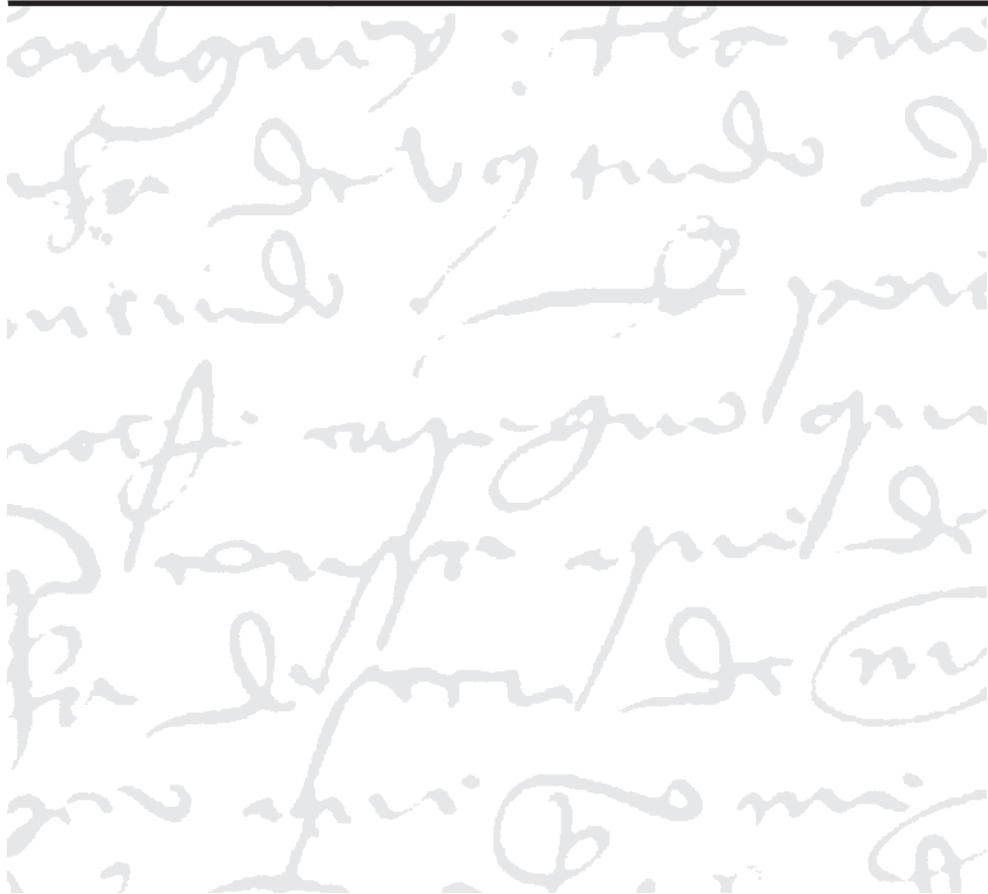


**FERNANDO
ANTÔNIO NOVAIS**

é professor de História do Instituto de Economia da Unicamp e professor aposentado do Departamento de História da FFLCH-USP. É autor, entre outros, de *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)* (Hucitec).

**MARIA ARMINDA
DO NASCIMENTO
ARRUDA**

é professora do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e autora, entre outros, de *Mitologia da Mineiridade. O Imaginário Mineiro na Vida Política e Cultural do Brasil* (Brasiliense).



Apresentação:

**Revisitando
Intérpretes do
Brasil**

E

m um ensaio clássico (1), Antonio Candido grifou, indelevelmente, o significado de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. como marcos definidores da gera-

ção de 1930, revelada nessa aventura obstinada de reinterpretação do Brasil. Ao mesmo tempo em que recupera o significado dos anos 30, inquestionável ponto de inflexão – quando tendências recentes na historiografia enfatizavam a continuidade –, delimita as vertentes inovadoras que diferenciam cada um dos autores e circunscreve as orientações comuns, evidentes na perspectiva histórica como centro de análise. Bastaria essa observação para justificar o presente dossiê da *Revista USP*, nucleado em estudos sobre os três intérpretes acima referidos.

Efetivamente, nos dias que correm e pelo menos desde o texto de Antonio Candido, cientistas sociais têm se debruçado sobre a obra desses mestres, exibindo-a em múltiplos ângulos, em variadas perspectivas, a exemplo do instigante estudo de Ricardo Benzaquem Araújo (2) sobre Gilberto Freyre. Alguns desses intelectuais comparecem no presente número, voltado à continuidade do diálogo que se adensa, orientado pela procura do nosso autoconhecimento e, nunca é ocioso lembrar, recortando uma tendência estrutural à nossa própria formação. Propensão, aliás, há pouco desvelada por Paulo Arantes numa análise sobre o pensamento brasileiro contemporâneo, oriundo dos quadros universitários. Nesse contexto, os

autores assinalam a obsessiva preocupação dos intelectuais no Brasil com as dimensões formativas nas diversas esferas da nossa existência como povo, como nação, como Estado (3).

Mesmo um sociólogo do porte de Florestan Fernandes, perfil acabado de intelectual acadêmico, persegue, nas suas análises, as idéias de fundamento e de formação histórica no entendimento das nossas particularidades e dos impasses do processo de mudança social. Apesar de seu estilo de reflexão afastar-se da forma ensaística, característica dos intérpretes de 30, a noção de gênese da sociedade desdobra-se na referência ao caráter próprio da nossa identidade. Segundo os seus termos, a construção de uma “moderna sociedade nos trópicos” pressupõe a superação do persistente legado do passado (4).

Efetivamente, se olharmos o conjunto da nossa trajetória, principalmente nos momentos decisivos, manifesta-se o “eterno retorno” à mesma temática, a recorrência às questões identitárias. Os intelectuais brasileiros dirigem-se, não por acaso, à busca incessante das nossas raízes, rastreando os contornos da nossa vida social. Como disse Mannheim, “é, geralmente, sabido que, apesar do livre fluir das idéias sobre as fronteiras políticas, determinados temas reaparecem só no pensamento organizado de cada país” (5).

Problemática dessa natureza conferiu o ritmo do pensamento das diferentes gerações. Assim, no período que se estende da Independência à Regência, os textos do

1 Prefácio à 5ª edição de *Raízes do Brasil*, 1969.

2 *Guerra e Paz. Casa-Grande e Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*, Rio de Janeiro, 1994.

3 Otilia B. F. Arantes e Paulo E. Arantes, *Sentido da Formação*, Rio de Janeiro, 1997.

4 Maria Armanda do Nascimento Armada, “Florestan Fernandes e a Escola Paulista”, in Sérgio Miceli (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. II, São Paulo, 1995.

5 *Ensayos de Sociología de La Cultura*, trad. esp., Madrid, 1963.



Patriarca José Bonifácio são exemplares dessa inquietação. Durante a *Belle Époque*, são expressivas as figuras de Lima Barreto, Manuel Bonfim e, sobretudo, Euclides da Cunha, cujas palavras lapidares sobre a constituição do Brasil ainda ressoam: “uma nacionalidade feita por uma teoria política” (6). Com o modernismo emerge a criação genial de Mário de Andrade na personagem Macunaíma – “O herói sem nenhum caráter”. Nos anos 30, estréiam os chamados intérpretes, tão bem distinguidos por Antonio Candido. Segue-se a produção acadêmica urdida na ambiência universitária.

O “sentido de formação” enlaça os vários momentos. Essa tendência comum de imersão no passado, o perquirir as raízes, a eleição da história como caminho iluminador da compreensão. Nesse diapasão, são exatamente os autores contemplados nesta publicação que se estabelecem como referências da viragem, pois formulam, definem e enquadram os procedimentos essenciais ao tratamento da identidade.

A publicação, no entanto, não se constitui em *mise-au-point*, como se poderá depreender da leitura das páginas que se seguem. Pretendemos explicitar tendências através das quais se arquitetam compreensões atuais, encerradas em textos de estilos diferenciados e de índoles diversas. O que os unifica, sem sombra de dúvida, é esse referencial inescapável do pensamento social no Brasil. Com este número, portanto, a *Revista USP* revisita uma questão clássica da nossa cultura.

De cima para baixo, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr.

6 À Margem da História do Brasil, 3ª ed., Porto, 1922.